

AS PARTES DO HOMEM

ACTO OVERT E MOTIVADORES

Uma conferência dada 20 de Outubro de 1954

Quero falar-vos hoje das partes do homem. É bastante importante saberem as divisões, as subdivisões do homem e também como ele ficou daquela maneira.

Então de facto, esta palestra de hoje consiste das partes do homem, e também dos actos overt e motivadores.

Porque será que foi possível estas duas virem juntas deste modo. Bem, vêm ambas... de forma que são as partes do homem compreendidas segundo as R2-61 e R2-62.

O Homem consiste de quatro partes distintas. Embora se relacionem entre si, elas são tão distintas como um fogão do telhado e um pátio da prisão da cidade.

Toda a teoria da psicoterapia ruiu no momento em que nós descobrimos que não estávamos a tratar da primeira dinâmica quando corríamos engramas. A psicoterapia foi pela borda fora. Morreu. Bateu as botas e agora deixou mesmo de exalar cheiro. Excepto nos jornais que informam as novas curas milagrosas, como aquele que informou hoje, segundo o qual dão a alguém um choque eléctrico, tocam jazz para eles, dão-lhes um outro choque e tocam jazz para eles (eu penso que, mais ou menos, é a teoria disso) e então soltam-nos numa sociedade de “vir’ó disco”. Eles implantam-lhes um engrama.

Bem, isto na verdade nem sequer é aromático. É simplesmente idiota. De facto, parece haver mais de quatro partes. Há as quatro partes que nós sabemos, e então há o reino do macaco. E esta tendência antropóide e atávica, por parte da psiquiatria, não tem, de modo nenhum, nada a ver connosco.

A Psiquiatria está a fazer alguma coisa, não sabemos bem o quê, mas eu perguntei uma vez a um psiquiatra se ele alguma vez melhorou alguém, e ele ficou muito surpreendido. Isto nem sequer vagamente fazia parte dos seus planos.

E um dia vai ficar muito chocado quando você mesmo descobrir isto. Não é suposto a psiquiatria melhorar alguém. A psiquiatria trata o louco para nenhuma meta.

E você pensa que eu estou só a brincar. Estou só a exagerar o caso.

Logo, a psicoterapia está no marasmo e sempre esteve, e até a Dianética surgir não parecia haver muita esperança para isto.

A Dianética cobre as primeiras quatro dinâmicas, e o facto é que, por primeira dinâmica compreende-se, primeiramente (e originalmente compreendido por primeira dinâmica), o que nós chamamos agora de *Homo Sapiens*.

Quando nós dizemos primeira dinâmica queremos dizer todas estas quatro partes. Mas da mesma maneira que você pode pegar em qualquer dinâmica e dividi-la em mais dinâmicas, também pode pegar nesta primeira dinâmica e dividi-la nessas partes.

Mas isto é bastante importante. Uma vez feito... uma vez que o fez e dividiu tudo isso, você descobre que estava a tratar a terceira dinâmica quando pensou que estava a tratar a primeira dinâmica. Estão a seguir-me?

Por outras palavras, se nós prosseguimos e continuarmos neste erro, nós iremos pela escada abaixo da verdade e nunca iremos escada acima até ela.

Em Dianética, nós falámos muito distintamente da unidade de consciência da consciência. Está no Livro Um. E nós falamos do Claro de Dianética.

Bem, se você ler o Livro Um descobrirá que um Claro de Dianética poderia não ser mais do que apenas e só... unicamente, por si só (e é esta coisa chamada „Claro absoluto“), a unidade de consciência da consciência sem outras partes.

Lembre-se, nós estávamos a tentar apagar todos os engramas. E para o fim de 1951, se você ler alguns dos meus documentos daquele tempo, descobrirá que o apagamento de todos os engramas iria, é claro, resultar completa e totalmente na demolição do corpo. Logo, esta é uma coisa realmente curiosa. É verdade. Teria, se você reduzisse isto ao absurdo, simplesmente apagado todos os engramas que uma pessoa teve.

Então nós estávamos contudo a tratar, no Livro Um, desta vida. Agora você poderia apagar os engramas desta vida e melhorar alguém de longe mais do que antes, está a ver? Poderia pegar só nos engramas, e lembre-se que um engrama é um momento de dor e inconsciência.

Perdão. Eu disse uma coisa mal. Se você apagasse todos os *fac-símiles* da banda toda, o corpo teria ido embora. E tudo o que nós tentámos fazer foi simplesmente apagar estes momentos de dor e inconsciência e deixar o resto dos *fac-símiles*. Está a ver? De forma que isso teria feito um Claro relativo, da mesma maneira que tinha um computador claro, já sabe, muitos cincos presos, clarificaria estes e o tipo operaria melhor.

O único apuro era a unidade de consciência da consciência, alguns anos depois desta pesquisa, insistir em exteriorizar. E quando exterior descobrimos que, de facto, o próprio indivíduo era a unidade de consciência da consciência.

Quando lhe faltava qualquer força ou personalidade depois de exteriorizar, quando lhe faltava qualquer real ideia de identidade depois de exteriorizar, quando se sentia como que brando, desesperadamente só, e estava fora, como que fraco, e fora de comunicação e assim sucessivamente, e se sentia deste modo, ele não tinha sido estabilizado.

Você às vezes atira alguém cá para fora e ele sente-se realmente mal com isto. Bem, ele não estabilizou. Ele investiu no corpo tantas características que ele próprio depende do corpo para ter características. Quando você solucionou isto descobrirá que foi ele que dotou o corpo de características. E ele pode com a mesma facilidade dotar-se a si próprio destas características.

Logo, a primeira dinâmica foi de facto a primeira dinâmica. Era a unidade de consciência da consciência, e isto é coberto, como eu disse, no Livro Um.

Bem, então nós temos os modificadores da primeira dinâmica. E a primeira coisa que modifica a primeira dinâmica é o que nós chamamos maquinaria. As máquinas do thetan. E estas são de facto máquinas de um tipo ou outro, através das quais ele obtém coisas, ele cronometra as suas próprias actividades, ele pretende entrar em comunicação. E isso é um item muito, muito incisivo, identificável, as máquinas do thetan. Elas são muito identificáveis.

Isto é tão identificável como a casa à volta do fogão. Quando você considera este thetan o fogão, ele está a distribuir o seu calor e energia. E ele cercou-se de várias barreiras, barricadas, armadilhas, esquemas e afins, e ele como que construiu uma casa à volta dele próprio. Vai mesmo a este ponto.

Você exterioriza muitos thetans e eles lembram-lhe a história dos fantasmas dos velhos tempos, porque, afinal de contas, com que é que está a lidar quando está a lidar com espíritos senão um thetan? Você pode chamá-lo por vários nomes, atribuir-lhe várias características.

Muitas pessoas se sentem precisamente como um fantasma, na medida em que têm velhas correntes ruidosas e os bolsos e cheio de latas. E têm todos os tipos de esquemas e mecanismos que fazem várias coisas misteriosas (e muito misteriosas para ele) que ele não consegue totalmente identificar, mas altamente interessantes.

E pedir-lhe para deixar todas estas engenhocas é uma des cortesia, porque qualquer criança tem os seus brinquedos, qualquer executivo tem as suas várias fraquezas, maquinaria operacional e fábricas, e qualquer presidente tem as suas secretárias. Qualquer destas pessoas é perfeitamente capaz sem todas estas coisas. Poderia até haver um governo, mesmo que tirassem todos os gabinetes e os deitassem fora e deixassem o presidente governar. (Não defendendo a monarquia absoluta, mas sim um governo).

E então eis a unidade de consciência da consciência, e eis então os produtos, ou possessões, ou criações da unidade de consciência da consciência. E a coisa peculiar destas máquinas é que cada uma delas foi feita, escondida e esquecida pelo thetan. Ele é o único que as procriou. Ninguém jamais lhe deu uma máquina.

Alguém lhe poderia ter dado uma *ideia* para uma máquina, mas ele teve que fazê-la. E nenhuma fonte sob o sol alimentará de energia essas máquinas excepto o próprio thetan. Está tudo bem claro?

Ele não pode comer bife e assim animar a sua maquinaria. Isto não funciona, nunca funcionará. Mas ele pode, por motivo de casualidade, decidir que tem que comer bife para manter uma das suas máquinas a funcionar. Mas isto é só uma consideração, da mesma maneira que é uma consideração que ele tem ali uma máquina, antes de mais nada.

Bem, esta maquinaria é então um assunto bastante privado, não é? Ele é o tipo que a fez. Ele é o único que a pode despedaçar. Ele é o único que a alimenta de energia.

Mas a juntar a isso pode haver uma multiplicidade de considerações que o possibilitem de compreender algo de outrem, e assim juntar isso à sua própria maquinaria, e por isso culpar outrem de lhe ter dado uma máquina. Estão a seguir-me? Ele poderia considerar que isto tivesse acontecido. E isto é de facto praticamente tão “bom” como se tivesse acontecido.

Mas a verdade atrás da coisa é que, enquanto ele estava a fazer o sinal da cruz, ou algo assim, com a mão direita, teve que entrar lá com a mão esquerda e representar um par de chifres. Isto é o thetan e a sua maquinaria.

Agora, isto não deve ser confundido com outra função do thetan, uma outra acção, outra capacidade. Ele pode de facto criar outro thetan, assim mesmo, bang! Ele pode duplicar-se. Quer dizer, ele pode gerar, ou criar, ou dar existência a uma unidade de vida inteiramente diferente, uma unidade de vida inteiramente nova, diferente, a qual por seu lado pode ter uma personalidade completa que pode ter total determinação, que pode fazer toda e qualquer coisa que ele possa fazer, e ser tão poderosa quanto ele, ou mais poderosa do que ele, de acordo com o seu dom.

Se criasse alguma coisa com esta intenção: „Isto é agora mais poderoso que eu próprio”, ele teria então que observar as suas acções e actividades, independentemente tomadas, e então modificar e cortar o seu próprio poder, para ter sempre menos do que o que tinha concedido.

Mas esta não é a criação de uma máquina. Aqui nós temos um pequeno thetan, e a seguir, se ele é muito bom em duplicação e se considera completamente capaz, você tem dois pequenos thetans. Nem sequer têm que ser irmãos. E a seguir, tem três pequenos thetans, e quatro pequenos thetans e cinco pequenos thetans, não feitos com luar, rosas e Chanel Nº 2. Não feitos em qualquer forma de sistema. Simplesmente abertamente, dizendo conscientemente: „Pang!”, e aparecer outra forma de vida. Estão a seguir-me?

Sexo é a actividade super-condensada de, com muitas vias, criar outras formas de vida. E a única coisa que torna isso mais complexo é o facto de ser considerado mais complexo. E é suficientemente complexo para que qualquer pessoa que se tenha apaixonada seja a primeira a afirmar que todo esse assunto é complexo.

Basicamente, o thetan simplesmente pode criar, sem qualquer sistema, outro ser vivo. Agora, há uma coisa importante. Esta é uma capacidade do thetan. Mas não parte do thetan.

Um thetan pode criar maquinaria, mas com intenção de lhe continuar a fazer algo *a ele ou para ele*. E não são unidades de vida que ele está a criar. É maquinaria, como tal. Tal como ao comprar um carro você não espera esse carro respirar, também não espera que a sua maquinaria tenha vida própria.

Mas às vezes ele fica confuso e dotará de vida a maquinaria. Em *Dianética: A Evolução de uma Ciência*, eu falo da possibilidade de colocar a mente ao longo do corpo. Isto foi muitas vezes mal interpretado, marcadamente num processo, um processo muito mau e prejudicial chamado „E-terapia”.

Ele teve a sua génesis, de acordo com o seu originador, em *Dianética: A Evolução de uma Ciência*, onde diz que o grande deus Throgmagog está ligado a uma pessoa para lhe dar bons conselhos, e assim sucessivamente.

Uma pessoa é totalmente capaz de fazer isto. Um homem pode ficar totalmente assombrado por seres vivos, seres vivos que respiram, simplesmente porque se pode duplicar a si próprio. Isto não é maquinaria e não faz parte do thetan, por definição. Mas é o thetan que

se move para fora, através da segunda dinâmica de criação, para uma terceira dinâmica de formação um grupo.

Agora, em qualquer altura ele pode saltar fora deste grupo que ele próprio criou e deixar o grupo viver, respirar e agir, e a sua própria ausência não lhe retirar nenhuma sabedoria. Nem retiraria nada do grupo.

Isto é manifestamente a criação da vida. E isto é como a vida se multiplica na sua forma mais básica, mais simples. E isso é a multiplicação de vida.

Logo a primeira dinâmica é capaz, através da segunda dinâmica, de criar uma terceira dinâmica e, se os planos são suficientemente bem traçados, toda uma espécie, como a quarta dinâmica.

Logo o homem poderia ter um antepassado inteiramente comum, um ancestral inteiramente comum, *um*. Muito possível. Mas quem e o que é que seria o antepassado comum?

Agora, examinemos isso quando lá chegarmos e descobrirmos que este indivíduo terá dotado outros jogadores de xadrez... Você sabe, quando faz um jogador de xadrez, tem que o dotar de inteligência e autodeterminação totais, caso contrário não poderá jogar xadrez com ele. Você descobre que ele, por isso, não teria permanecido um ser superior, pelo simples acto de criar todos estes outros thetans para executarem esta actividade. Não teria tido nenhuma conotação de superioridade por ter feito isto, uma vez que qualquer um desses seres que criou pode, por seu lado, fazer a mesma coisa.

Talvez o homem tenha oito mil milhões antepassados. E talvez ele tenha só um. Que importa? Ninguém. Não faz a mais pequena diferença para nós.

Você teria, digamos, cem milhões de almas na Terra durante um período da sua capacidade para avançar, e noutro período teria um par de milhares de milhão.

Bem, qual a possibilidade de desaparecerem? Eles alguma vez ficaram menos? Eles apenas se tornam cada vez mais? Não. Um indivíduo pode repostular-se a si próprio de volta para a sua entidade criadora original, já se sabe, ele poderia apenas dizer: „eu já não sou eu próprio...” Ninguém mais o influenciaria a fazer isto, já se vê. Ele diria: „eu já não sou esta unidade. Agora sou a outra unidade que me criou em primeiro lugar”. Vê como ele poderia fazer isso?

Porque não existe tal coisa como o tempo. Por isso, tem que avançar, continuamente, como existência criada.

Por outras palavras, este thetan poderia ter feito cinco thetans, jogado um jogo de bola, decidido o vencedor, e então tornar-se o vencedor. E cada um dos cinco, jogando, poderia então ter-se mesmo tornado vencedor, e eles não teriam perdido a identidade nem nada.

A única coisa que possivelmente poderiam perder, e eles teriam que excluir isso deles próprios, seria saber que tinham feito isso. Mas para o ter feito em absoluto, exige que eles tenham que ter excluído isso da sua sabedoria.

Você recupera a sabedoria de um indivíduo, e uma das primeiras coisas que recupera-ria é o facto que ele se multiplicou ocasionalmente. Agora, acha que comprehende a valência um pouco melhor?

É necessariamente verdade que a Mãe, um thetan, se subdividiu de forma que o bebé pudesse ter um thetan, ou ser um thetan? Não, isso não tem nada a ver.

Examinemos as partes do homem mais completamente. Nós descobrimos que, tendo feito isto frequentemente e muitas vezes, um indivíduo, muito notadamente, colocou esta capacidade de lado e começou a pendurar-se na computação do „único”, mantendo a sua capacidade de se ser ele próprio, igual a si próprio. E guardando a sua capacidade para si próprio, e se sendo só ele próprio, concentrado em ser ele próprio, está a tentar manter a sua identidade como primeira dinâmica. Há muito que ele deixou de fazer duplicados dizendo apenas que há ali outro ser. Ele está muito envolvido nos seus próprios acordos.

Ele pensa que para criar outro ser teria que se entregar ao sexo, e então descobre que realmente não criou outro ser em absoluto. Aquele outro ser segue uma linha de inteligência composta, e estamos agora a falar de um corpo, que é a entidade concedida a muitas individualidades *baseada* numa individualidade básica que, é claro, iniciou essa linha genética.

Certo. Não há razão para nos perturbarmos com isto. Vamos fazer disto uma imagem muito clara.

Um: um thetan. Ele pode fazer máquinas. Tem um corpo, e isso é o corpo. Já sabe, ele adquiriu um corpo. Certo. O corpo tem uma mente reactiva.

E se um thetan se tornasse tão terrivelmente complexo, com toda a sua maquinaria, e se ficasse interligado com tantas outras individualidades e tanta concessão de entidade em todas as direcções que se esquecesse do que ele era, quem ele era, e apenas soubesse que devia ser esta identidade e repetir a feitura ou criação desta identidade?

Como thetan ele teria ficado sólido, e a própria maquinaria tornar-se-ia um composto. Certo? E „ele próprio” ficando sólido, bem, poderia dizer-se, seria um corpo. E a maquinaria, uma vez um composto, seria uma mente reactiva.

Thetan mais maquinaria, à medida que se tornam mais condensados e muito mais complexos, com muitas, muitas vias e muito mais esquecimento, tornam-se um corpo com muito, muito pouca sabedoria, mas muita automação e casualidade, com maquinaria finalmente tão condensada (máquinas de fazer imagens e todos os tipos de outras máquinas) que você obtém coisas tais como características de uma mente-somática-mente-reactiva. Estão seguir isto?

De facto, estas coisas são *tremendamente* complexas e *imensamente* padronizadas. Mas você acaba de ver um thetan, mas a sua maquinaria, tornar-se tão condensado e tão complexo, e ser engrossado de tantos outros quadrantes e ficar tão engrenado em todas as direcções, que fica finalmente sólido, isto é, corpo. Tão sólido que pode ser ultrapassado e controlado por outro thetan mais estas máquinas.

Agora, a menos que o próprio corpo seja controlado por outro thetan, a mente reactiva não pode ser controlada por outro thetan. O corpo pode controlar sua própria mente reactiva, ou a sua mente reactiva pode ser controlada por outra inteligência.

Só agora entramos na manifestação da maquinaria, que é, de facto, abertamente controlada por outras inteligências. A maquinaria de um thetan condensa-se ao ponto de o próprio thetan ficar sob controlo, e estando sob controlo, temos a manifestação da mente reactiva.

Veja, nós já não lhe chamamos maquinaria de thetan, ou chamamos? É tudo tão complexo, e pertence agora a algo tão completamente possuído e controlado, que qualquer parte disso pode ser possuída ou controlada.

As partes do corpo são: Thetan, maquinaria de thetan, corpo e mente reactivo-somática. (Não importa se nós chamamos isso mente reactiva ou mente somática. De facto, não há nenhuma real diferenciação entre as duas.) Há sim as partes do homem.

Mas um thetan como indivíduo pode criar outro thetan sexualmente, e assim se torna um grupo. Logo nós temos uma, duas, três dinâmicas, vêem? A primeira dinâmica pode criar (e isso é uma segunda dinâmica) outros indivíduos, e você tem então uma terceira dinâmica. E se o padrão de criação for suficientemente manifesto, podemos então ter alguma coisa a que chamaríamos uma quarta dinâmica e que seria uma espécie. E teríamos, então, uma classe.

Mas uma espécie diz automaticamente que devem haver outras espécies. E arranjaríamos, por isso, a interdependência da forma de vida, comportamento e acção, que vemos aqui na terra: o *Homo sapiens*, o reino animal, etc.

Agora, a fim de chegar a um nível mais alto de verdade do que simplesmente *Homo sapiens*, é necessário investigar as outras quatro dinâmicas. E nós examinámos isso e descobrimos que cada animal é uma espécie. Descobrimos que o reino animal funciona realmente da mesma maneira. Mas nenhum thetan está tão ansioso para controlar animais ou corpos de animais... nenhum thetan está tão ansioso para os controlar como para controlar os corpos dos homens. Os Homens podem falar, eles podem caminhar, têm inteligência, podem combater, e assim sucessivamente. E assim um thetan preferiria muito mais um corpo de homem, ou importunar os homens, ou envolver-se com homens como esses thetans da Grécia antiga, a que chamamos agora, bastante a rir, mitologia grega.

Os homens podem ser envolvidos muito facilmente com espíritos, porque os homens e a actividade dos homens é suficientemente complexa para ser interessante de controlar. Pegue na actividade de um coelho. Eles não são interessantes de controlar. Quer dizer, um coelho salta, um coelho come, um coelho passa por muitas evoluções e principalmente corre e é assustadiço, e assim sucessivamente.

E eu tentei interessar-me em monitorar coelhos. É um pouco mais interessante monitorar um lobo, mas outra vez, os seus assuntos não são muito complexos.

Bem, a actividade do homem é muito complexa, e interessaria a alguém enormemente. Logo thetans estão perfeitamente contentes por controlar os homens. Homens constituem uma armadilha de theta formidável. As Mulheres ainda melhor.

E nós vemos, então, que os próprios animais, bastante uniformemente, são simplesmente corpo mais mente reactivo-somática. E não temos as outras duas manifestações.

Por outras palavras, num coelho só observámos uma condensação de um thetan mais maquinaria, vejam, thetan mais maquinaria, e finalmente obtivemos um coelho. Ele apenas se tornava cada vez mais complexo, e nós obtivemos todas as espécies de coelhos, e outra vez, passámos pelas dinâmicas um, dois, três, quatro em termos de coelhos. Vêem? E poderíamos fazer a mesma coisa com lobos.

Na primeira dinâmica, havia um thetan, e ele tinha a sua maquinaria. Ele decidiu, através da segunda dinâmica (criação, duplicação), alcançar uma entidade semelhante. Alcançou então outra personalidade independente, e esta foi a terceira dinâmica. Então decidiu fazer um padrão da coisa toda, e todos eles... todos eles, agora, decidiram fazer desta coisa uma personalidade completa. E nós chegamos finalmente a um ponto de ter uma espécie de lobos. Veja, e é oposta aos coelhos, e ao homem, também. O mesmo acontece com camelos, ou rinocerontes, ou qualquer outra coisa.

Logo, seria uma coisa interessante continuar com alguma coisa chamada psicoterapia na ausência desta informação, não seria? Porque tudo que você faria era tornar-se cada vez mais complexo. Porque iria de encontro a cada vez mais complexidades.

E a solução de todo o problema depende de simplicidade, uma vez que a própria solução deve *ser* exactamente o problema, para ser uma solução. Por isso, se você *fosse* ou *duplicasse* qualquer problema perfeitamente, não ficaria mais do que um estático, não era? Só um estático, sem massa, sem comprimento de onda, sem posição, de forma que seria zero. Haveria qualidades, pensamentos ou potencial de vida. Poderia até haver personalidade, como eu digo, qualidades, mas não uma grande massa.

Logo, a fim de obter massa você tem que ter problemas, vias, todas as espécies de coisas. Por isso, a psicoterapia é derrotista. Nunca poderia ser outra coisa qualquer.

Logo, ao examinamos esta imagem, descobrimos que o auditor se dirige de facto a quatro itens. E se não puder diferenciar estes quatro itens uns dos outros, ele entra certamente em apuros.

Há apenas um desses itens que ainda contêm bastante verdade, bastante capacidade, personalidade e consciência para merecer a atenção dele. E isso seria a *própria* unidade de consciência da consciência, a que nós chamamos em Cientologia um thetan. Isso seria a coisa que merece a sua atenção.

Para além disso, ele pode também sair daqui e processar pedras. Processar um corpo, processar uma pedra. Quer dizer, o corpo, de facto, é até menos complexo do que uma pedra. Uma pedra é suficientemente complexa para ter confundido Albert Einstein. Mas corpos, eles só confundem as pessoas como os da Clínica de Mayo (Médicos. 1861-1939).

Se temos que ficar complexos, tornemo-nos realmente sólidos e densos. Porque isso diz-nos quantas vias há nalguma coisa, Qual a sua densidade? Isso diz quantas vias há nas suas linhas de comunicação.

A distância de causa para efeito numa pedra é atravancada por tantas vias, e tão entrecida e complexa, que causa e efeito da pedra estão perdidos.

O impulso para a religião por parte da maior parte das pessoas é descobrir a causa, a causa básica: „porqê?”. E o esforço para descobrir a causa básica conduz à tentativa de atravessar estas várias vias. É como caminhar através desse famoso labirinto dos tempos antigos, em que eles só se perdem. Porque você não encontra causa e efeito dessa maneira. Encontra causa e efeito simplesmente no mais alto nível de liberdade, assumindo-o e então sabendo. E saberá, então, da causa e efeito, porque você será causa, e então capaz de ser efeito.

Certo. Nós podemos solucionar bastante facilmente este problema eliminando todos esses factores que não estamos interessados em processar.

Agora, à medida que subimos pela linha acima, e como os processos melhoraram, nós descobrimos que, como podemos melhor compreender alguma coisa, melhor a podemos controlar. Quanto mais capazes formos de controlar algo, menos necessidade há de o processar para que possa ser controlado. Está bem? Não temos que o processar para o controlar.

Logo nas Dianética e Cientologia modernas, basta simplesmente fazer isto: eliminar os factores que não queremos processar, porque compreendemos o suficiente para os controlar.

E o primeiro desses seria essa mais ilusória série de factores conhecida como a mente reactivo-somática. Nós podemos controlá-la. Se não acredita, leia o Livro Um. Estude os seus processos e a *Ciência da Sobrevivência*, e processe alguns engramas a si próprio. Você pode controlar aquela mente. Pode batê-la para a frente e para trás, e virá-la do avesso. Pode sondar elas, fazer todas as espécies de coisas interessantes. Mas isso é tudo no interesse de saber do que se trata. E uma vez sabidas estas coisas, a propósito, sabendo a sua anatomia, já não faz sentido tentar eliminá-las, porque nós podemos assumir o seu controlo. Logo não vamos processá-las.

Agora já aprendemos, através do vasto exemplo da medicina e outros factores, que o verdadeiro processamento directo do corpo é, em si mesmo, para não ser apoiado. É inútil, realmente, processar o corpo. Logo nós apenas diremos: „Corpo e mente reactiva: processamos estes? Não”.

Bem, e a maquinaria do theta? Bem, é interessante processá-la. É interessante processar o bastante para a poder controlar. Mas nós já sabemos bastante sobre ela para que um indivíduo possa entrar na sua posse e controlo, se quiser. Nós temos processos que fazem isto. Logo porquê processá-la?

E isto deixa-nos, então, com esta esfera, agora muito estreita para ser processada, que, se processada, pode assumir então controlo dos outros três factores, e, podendo fazer isto, pode é claro solucionar todos os seus próprios problemas sem qualquer dificuldade.

Logo, o atalho é simplesmente separar a unidade de consciência da consciência destes outros itens, mandá-lo reconhecer a sua identidade e capacidade, passando-o através de vários exercícios, e mandando-o então voltar-se e fazer o que lhe aprouver sobre pôr a sua própria maquinaria em ordem, pôr o corpo em ordem, pôr a mente somático-reactiva em ordem, e, se fizer um trabalho bastante bom, bem, basta pensar que eles estão bem para ficarem bem.

É onde você obteve „pensamentos certos”. „Pensamentos certos” é um processo maravilhoso desde que tenha um Claro, para começar. Não é um processo que você usasse num homem doente.

De facto, um pensamento certo seria apenas e simplesmente um pensamento que promovesse a sobrevivência óptima para o número óptimo de dinâmicas. Isso seria um pensamento certo. Tem esta definição precisa.

Muito bem. Agora, se for o caso, e nós pudermos ver tudo isso, outra coisa entra no quadro: se nós estamos apenas interessados em processar esta unidade de consciência da consciência, onde vamos introduzir este quadro? Deve haver algum tipo de botão.

É claro que o botão é: „fica um metro atrás da tua cabeça” para a maioria das pessoas. Isto realiza a coisa. E você continua e exercita-o um pouco mais, e ele reconhece um pouco mais, e começará a falar da maquinaria, do corpo e do seu banco reactivo. Ele dirá todas estas coisas. Logo „fica um metro de sua cabeça” é um botão muito, muito mágico.

Bem, há um botão mágico, *ainda*, para essas pessoas que não fazem isto imediatamente. E esse botão mágico está numa zona da Dianética muito abandonada na Cientologia. Trata-se dos fenómenos de acto-overt- motivador. O botão mágico está mesmo aí.

Porque, eis o processo mecânico pelo qual um theta se torna sólido bastante para ser um corpo. Cercado pela maquinaria, *agora* fica sólido e complexo bastante para ser chamado de mente reactivo-somática.

O fenómeno acto-overt-motivador é que é a mecânica deste processo de endurecimento ou solidificação.

E agora há uma coisa que fica imediatamente atrás disso, que é a consideração que se ajusta ao overt e motivador. Bem, eu falarei sobre a consideração dentro de momentos. Vou falar primeiro das mecânicas.

A mecânica é simplesmente isto: um acto overt é um acto prejudicial executado contra outrem. E pode, é claro, ter sido executado contra outros. De forma que é uma definição de precisão. Se lhe fosse perguntado isso num exame, seria essa a resposta. Um acto overt é um acto prejudicial executado contra outro ou outros.

Um acto overt pode de facto, tecnicamente, teoricamente, ter sido executado contra si próprio, não pode? Teoricamente. Contudo as pessoas tentam mesmo fazer isso. Nós não temos que levar isso em conta particularmente. Mas lembre-se, isto é possível.

E na verdade poderia ser mesmo mais exacto se dissesse que era um acto prejudicial em qualquer dinâmica. Essa seria a declaração mais clara que podia fazer.

Agora, um motivador é um acto overt de outro contra o próprio. Um motivador é um acto overt executado por outro contra o próprio. Por outras palavras, um motivador é uma acção prejudicial executada por outrem contra o próprio.

Bill agride José com um taco. Bem, para José é um motivador. Ele é quem foi agredido. Ele é o agredido. E o Bill ali atingiu-o, é o agressor, e ele, é claro, executou o acto overt. Ele deu a José um motivador. Logo tem alguma coisa a ver com um ponto de vista, não tem?

Bem, estamos logo abaixo de pandeterminação. Você vê que então você tem que ter a ideia de *autodeterminação* antes de poder ter actos overt e motivadores, e que a pandeterminação clarificaria actos overts e motivadores. Está a ver? Você já não tomaria partido.

Certo. Se a pessoa recebe um motivador, ela pode então considerar-se com legitimidade para executar um acto overt contra a pessoa que a lesou. Quem recebe um motivador considera que tem agora legitimidade para executar um acto overt. E isso é a base de toda a legitimidade.

É por isso que uma bota (recruta) num campo de treino do corpo de fuzileiros navais é tão completamente chutada, e porque é que eles realmente lhe chamam bota. Ele é completamente, duramente atingido a um ponto...ele é comandado tão completamente que lhe são da-

dos motivadores suficientes para ser o pior soldado do mundo, e ser completamente aberto contra as pessoas da vizinhança, fazendo-as obedecer às suas ordens quando se torna um soldado de primeira classe, um cabo, um sargento.

Sem aquele curso árduo de treino ele não teria bastantes motivadores para o levar através da carreira militar. E por isso, a política „big brother” (protectora) daquela grande, gloriosa instituição, o Exército de Estados Unidos, é um caos.

Isto não é unilateral. Não é porque eu tenha fuzileiro naval e não tenha estado no exército. Também estive no exército. Estive no exército, na marinha e no corpo de fuzileiros navais. E sei naturalmente qual o melhor equipamento.

Mas a parte engraçada disso é que esta política „protectora” de “darmos uns ‘caldinhos’ na cabeça a todos os pobres recrutas e torná-los muito, muito conscientes do facto que nós estamos a fazer o melhor para eles” educa rasos de primeira classe, cabos e sargentos que não façam cumprir as suas ordens. E, em combate, em vez de bradarem um comando ou dois ao qual imediatamente as pessoas obedecem, eles insinuam que talvez, possivelmente alguém poderia, se ele se aproximasse é claro, disparar a arma.

Isto responde pelo facto de que, quando o exército ocupa um pedaço de chão ao longo de um regimento de marines, o exército só ocupa o chão dos marines. Este é um facto directo, quer dizer, em combate. Nunca se põe um regimento do exército junto a um regimento de fuzileiros navais. Não se pode fazer isso.

Isto tem o seu começo logo no treino. E embora o corpo de fuzileiros navais tivesse que “comprar”, sinceramente, toda a política do exército em papel, eles não conduzem os campos de treino como dizem. O campo de treino de Quantico (Base de Fuzileiros Navais Americana) ainda é disparatado muito da maneira como sempre foi disparatado. E essas pessoas lá em Washington podem escrever todas as ordens e regulamentos que quiserem, o treino tem que continuar em Quântico. Assim como em Parris Island.

Ele tem que ter... ser-lhe dado... de facto têm que lhe ser dados bastantes motivadores para a sua carreira militar durar. Assim mesmo. Porque, de facto, quando ele realmente está de serviço, e assim sucessivamente, os homens tendem a ser bastante decentes uns com os outros, e não é fácil para um indivíduo os juntar.

Oh, ele pode tentar. Ele obterá às vezes um... A vida pode ficar muito árdua, e assim sucessivamente, para ele.

Então o inimigo, na abertura da acção, começará a fornecer-lhe motivadores. E o inimigo dará muitos motivadores. Então ele tem legitimidade para combater. E a menos que seja autorizado a combater por motivadores por aí fora, ele não é um bom soldado.

E a menos que tenha sido mal processado, você nunca terá o direito de processar mal ninguém. Você terá sempre que processar bem alguém, não é?

Agora, a menos que você próprio tenha, nalgum grau, sido controlado e empurrado, nunca estará realmente disposto, numa sessão de audição, a empurrar alguém. E de vez em quando é necessário empurrar alguém. Acredite que é necessário.

Certo. A tensão e esforço da vida são construídos entre estes dois factores: O acto overt e o motivador. E estes entram num interessante estado de coisas.

Agora que nós os estamos a examinar, descobrimos que um motivador é de duas classes. Há dois tipos de motivadores. Nós chamámos-lhes DED e DEDEX, isto de que eu estou a falar agora. Mas há uma nomenclatura mais simples que eu lhes dou aqui.

Quando a pessoa comete um acto overt sem ter recebido um motivador, já se vê, não legitimidade, ele tenta então fazer mock-up, ou obter um motivador apropriado ou justificar a sua própria acção prejudicial. Sabem?

Ele ia pela rua abaixo, havia ali um tipo que nunca lhe tinha sido apresentado, nenhuma discussão, e ele caminhou de súbito até este tipo e deu-lhe um soco nos dentes. Você encontra-o vinte minutos depois e diz-lhe: „Eh! O que é que aconteceu?” E ele dirá: „bem, esse tipo cuspiu-me”.

Nada disto aconteceu, veja. Ele terá entretanto que ter acreditado nisto para ter tido legitimidade para bater no outro tipo.

A um acto overt cometido na ausência de um motivador nós chamamos um *acto não motivado*. Então não foi um acto overt, ou foi? É um *acto não motivado*. Na verdade eles são da mesma classe, acto não motivado e acto overt, com esta excepção: uma pessoa tinha legitimidade quando empreendeu este acto de overt. E não tinha legitimidade quando empreendeu um acto não motivado. Termos técnicos que você usará um pouco.

Agora, justificador é o termo técnico que nós aplicamos ao mock-up ou acto overt exigido por uma pessoa culpada de um acto não motivado. Este tipo que bate neste outro tipo, vai rua abaixo, e diz: „Ele cuspiu-me!” Isso é o justificador.

O justificador, nós compreendemos não ter acontecido (inexistente), é um esforço para justificar o facto de o tipo cometer um acto não motivado. Logo temos acto não motivado e justificador juntos. E nós temos o acto motivador-overt.

De facto, acto motivador-overt está perfeitamente certo. Não há nada errado com uma sequência acto motivador-overt. Nada errado com isso. Sempre se contrabalançará. Tudo será igual. Ninguém ficará louco, não importa se lhe cortam a cabeça ou qualquer outra coisa. Se estamos a lidar com nada mais que fenómenos de acto motivador-overt, veja, se só estamos a lidar com aquela sequência, ninguém ficará louco, transtornado ou mesmo magoado. Porque ele pode sempre sair disto, de uma forma ou de outra.

E se não tivesse havido mais do que fenómenos de acto-overt-motivador na banda anterior, nós não estaríamos a falar agora de aberração. Contudo, este outro, o acto não motivado-justificador, é o vilão da peça.

O tipo fez uma acção prejudicial a outro, o qual nunca o tinha prejudicado. Tanto é o caso que há um romance muito interessante sobre a Primeira Guerra Mundial, sobre o destino de um Sargento Grescha, um sargento Russo a quem foi dado abruptamente, e que ele recebeu, um acto não motivado do governo alemão. Ele foi enforcado sem qualquer crime.

E este romance localiza a queda do império de Kaiser Bill neste acto não motivado, tanto assim que tenta ensinar esta lição (verdade ou não): aquela nação que lesa outra sem causa justa é ela própria condenada. Isso é possivelmente bastante verdade.

Mas é certamente verdade para um indivíduo. Aquela pessoa que prejudica outra sem razão está condenada. E é por isso que um thetan está condenado, porque ele *nunca* pode receber um motivador. Essa é a razão exacta porque nós temos uma espiral descendente. Não há nenhuma outra razão.

Um thetan não tem qualquer massa, comprimento de onda, qualquer verdadeira localização para além da que ele supõe ter. Como é que ele pode ter recebido alguma vez um motivador? A sua acção original, primária, deve sempre, então, ter sido um acto não motivado, tanto assim que a sequência acto-overt-motivador na realidade, na vida, não existiu originalmente.

Contudo, hoje nós podemos olhar o estado actual: o Johnny vem e rouba-lhe os brinquedos e você vai, bate-lhe e deita-o abaiixo. Você não vai sofrer por lhe ter batido. Logo nós temos bastante destas acções que se passam na vida, de forma que parece haver... as-isness parece ser e de facto não é... parece haver, então, um fenómeno de acto-overt-motivador que vai à frente na vida. Mas é precedido, e foi precedido na banda, por uma sequência acto não motivado-justificador.

Uma thetan nunca, nunca, nunca pode ser lesado. Mas pode considerar que é lesado. E considerando que é lesado, ele pode então agir lesado e realmente ficar muito infeliz com a coisa toda.

E pode ir pela escada abaiixo, directamente para o porão. Porque ele *nunca* recebeu um motivador. Tudo o que um preclear lhe diz é uma procura de um justificador. Lembre-se disso. A sua procura interminável através do banco é só de justificadores. E quando começa à procura de justificadores, ele esgota muito rapidamente alguns dos seus verdadeiros, credíveis motivadores. Ele usa-os imediatamente. Ele as-isa-os. E não tem nenhures ali *perto*... nenhures por *perto*, bastantes motivadores. Ele não tem por *perto* bastantes motivadores.

E se não tem bastantes motivadores, ele é claro, deve então ser culpado de acto não motivado. E sendo culpado de acto não motivado, nós temos esta estranha coisa, de como toda a gente tem que inventar como é mal tratada, em que condição terrível está, a fim de viver com os seus pares. Eles têm que estar doentes, têm que ser vitimados. E têm que ser traídos.

Esta sede de ser traído é a coisa mais estranha que se tentou examinar entre os homens. Mas os esforços dele para lhe dizer como é traído, e quantas vezes, e como foi traído, por quem, é uma acção numa conversa através da qual ele tenta fazer mock-up de bastantes justificadores. Ele está a dar-lhe justificadores... Lembre-se, o justificador não é a verdade. Veja, justificador. Ele está a dar lhe justificadores, simulando motivadores.

Examine isso. Assim há só um real truque que teria que jogar num thetan a fim de isto entrar na categoria da espiral descendente e na categoria de acto não motivado e justificador. Há só uma forma de fazer isto, que é definir-lhe „dano”.

E agora entrámos no campo da consideração, não foi? Bem e mal – R2-61: as coisas são más, e isso é uma consideração. As coisas são boas, é uma consideração. Basta a consideração que o dano pode acontecer para então começar a reacção em cadeia de acto não motivado e justificador. É preciso a educação de que você pode fazer alguma coisa prejudicial. Você tem que ser cuidadosamente ensinado que as suas acções podem ser prejudiciais antes de qualquer espiral descendente ocorrer.

Agora, só poderia ser ensinado que estas poderão ocorrer se você as tivesse inventado em primeiro lugar. Nós regressámos outra vez à sequencia acto-overt-motivador no campo das considerações.

Uma pessoa *queria* ser destrutiva e foi destrutiva. E ela pretendia que esta acção fosse uma acção prejudicial. Definiu então para si própria „prejudicial”. Mas realmente não entra no jogo de se ressentir de dano ou resistir a ele ou a fazer qualquer coisa sobre ele até outrem destruir algum objecto ou produto que ela própria criou. E quando isto ocorre, ela está então neste estado interessante: tem que definir dano para o outro. Mas tinha que fazer isto ele próprio primeiro, pela razão básica que ele tinha que comunicar primeiro para lhe ser comunicado. Um thetan teve sempre que comunicar antes dele próprio poder ser contactado.

Como é que isto é? Ninguém teria sabido onde diabo ele estava a fim de comunicar com ele, a menos que ele desse um sinal.

Certo. Logo nós temos o thetan culpado de uma *infinitude* de actos não motivados. Corpos... ele criou-os contra corpos. Céus! Um jovem que caminha rua abaixo, de súbito este thetan aparece e atira-se a ele. Bem, o que é que aquele rapaz fez àquele thetan? Nada! Mas se você encontrasse aquele thetan vinte minutos depois, ele explicaria o que o rapaz tinha feito. E isto é uma mentira, não é?

Logo, um justificador é sempre uma mentira, e qualquer solidez ou desvio de estático é uma mentira. Logo, a maneira de abandonarmos a verdade absoluta de estático é via as mentiras dos justificadores.

Este é o curso da espiral descendente. E isto é alucinação. São massas negras. O tipo só pode ver massas negras. Esta é a ideia de ser problemas por si próprio. Esta é a ideia das suas dificuldades de comunicação, a inabilidade de ser estético, a inabilidade de criar, a inabilidade de ser bonito ou a inabilidade dela ser bela. Tudo isto deriva do facto que há aqui um longo abandono de estático, o qual é em si mesmo beleza, um muito, muito longo abandono. Como descemos a linha, chegaremos finalmente ao fundo a linha.

Por que rota? A rota dos justificadores. Qualquer justificador é uma mentira. Qualquer mentira provocará, finalmente, uma solidez. Toda a solidez é composta só de mentiras. Este universo pretende ser um bom universo. Mas, só pela sua existência, deve ser uma mentira.

Agora, qual a rota da espiral descendente? Via justificadores. Um thetan também tem isto aqui (não é mais isto, mas faz parte do mesmo pacote): ele tem uma ansiedade de criar um efeito. O seu mais alto esforço em termos de relações de terceira dinâmica, é criar um efeito.

Certo. Encontre a coisa na qual você realmente vai criar um efeito. Se outro thetan nunca, nunca, nunca pode receber um motivador, depois de algum tempo você vai ter alguém

ansioso com criar um efeito. Ele sabe que nenhum efeito real pode ser criado nele, excepto se ele considerar e concordar com isso.

Por isso, ele sabe de facto, básica e intrinsecamente, que não pode criar nenhum efeito noutro thetan e, por isso, tem que considerar unidades de vida como sólidas. No momento em que as começa a considerar thetans, ele fica muito transtornado. E assim as pessoas se afastam da Cientologia. Elas gostam da Dianética. Elas gostam de todos estes estudos. Mas você fê-los enfrentar a ideia de um ser exteriorizado que não pode ser alcançado, atingido ou danificado. Você está a dizer a este tipo que ele não pode criar um efeito.

Logo ele é apanhado entre tentar criar um efeito e o momento em que aparentemente criou um efeito, sendo então culpado de um acto não motivado. Logo ele contrapõe o seu esforço para criar um efeito contra o facto de nunca dever envolver-se em actos não motivados.

E tudo o que ele teve fazer para ficar baralhado (ele estava a tentar criar um efeito, já se vê, a tentar criar um efeito) foi descobrir que era capaz de lesar, de danificar outros. E quando isto foi lindamente definido, o bem e o mal, ou ele os definiu para si próprio, ou ele os definiu para outrem, etc... contudo isso entrou na corrida. Entrou lá muito facilmente, de facto ele teve que se decidir e então depois concordar com isso.

Então, depois disso, ele ficaria cada vez mais sólido, afastando-se cada vez mais da verdade porque tentou justificar as acções dele. Ele tenta justificar todos estes actos não motivados. E o seu esforço para os justificar resultaria num estado caótico onde ele estava envolvido, e toda a sua banda passada seria quase inteiramente composta por alucinações.

O seu caso extremo está sempre a “enfardar” massas enormes de energia. A quantidade de energia que uma pessoa enfarda e o seu próprio estado de sanidade, beingness, são directamente proporcionais. O louco enfarda as mais incríveis quantidades de fac-similes, quase todos mockups. Eles são justificadores.

Agora, um mockup de um fac-simile, por outras palavras, uma imagem que não aconteceu e que uma pessoa pensa que aconteceu, é um justificador. Um justificador é um fac-símile de alguma coisa que nunca ocorreu.

O seu preclar senta-se ali e tagarela loucamente consigo: „oh, minha mãe fez-me isto. A minha mãe fez-me aquilo. A minha mãe fez aquello. Blá-blá-blá-blá-blá-blá.“ Você sabe o que esta pessoa está a tentar fazer agora, não sabe? Esta pessoa está a tentar fazer mockups de justificadores no processo da comunicação.

Bem, uma maneira imediata de manejar isto, intensamente eficaz e um dos processos mais devastadores e violentos que eu sei, é mandá-lo sentar-se e imaginar ou esboçar uma lista de coisas que a mãe lhe poderia fazer.

„Coisas que qualquer coisa lhe poderia fazer a ele na sétima dinâmica“ é o processo. E você simplesmente pede para o indivíduo se sentar e imaginá-las. É claro, este é um tipo de processamento perto do remédio de havingness. E pertence aos Remédio de Havingness, é claro.

Você apenas o manda fazer mock-ups, ou listar coisas que todas as dinâmicas lhe fizeram a ele.

Por outras palavras: „o que fizeste a ti próprio; o que o sexo lhe fez a ele (parceiros sexuais, por outras palavras, mulheres, se é um homem, homens, se é mulher); o que grupos lhe fizeram a ele; o que o género humano ou outra espécie lhe fez a ele; o que animais lhe fizeram a ele; o que o universo físico, o que o espaço lhe fez a ele; o que a energia lhe fez a ele... continua só a falar, já se vê, e a imaginar estas coisas, ou simplesmente as lista, e é o remédio claro da escassez de justificadores. É claro, você também pega em espíritos e Deus, já sabe. E o seu preclear, tendo remediado a escassez de justificadores, ficará bem. Este é um processo único, o mais poderoso que eu conheço.

Logo a seguir é mandá-lo localizar... já sabe, Remédio de Havingness e localizer pontos no Espaço; bem, este é o processo antecedente a esses dois processos. Mandá-lo localizar todos os pontos onde ele ou qualquer outro considerou que o mal foi ou poderia ter sido feito.

De facto, a técnica é dada em R2-61 do *Manual do Auditor*, edição impressa, e a técnica de actos overt e motivadores é dada em R2-62 da edição impressa do *Manual do Auditor*.

OK.